

Versos do fim de uma era: um poema do último dos neoplatônicos

Bernardo César Diniz Athayde Vasconcelos

Foi Damáscio (Δαμάσκιος, c.458–após 538)¹ o último escolarca da Academia,² conhecido também como o último dos neoplatônicos. Apesar de ter sido nomeado em homenagem à sua própria cidade (Εγκυκλοπαίδεια Δομή; 1999, v. 4, p. 356)³ — *i.e.*, Damasco na Síria — passou a maior parte de sua vida alhures. No início da década de 480, com cerca de 20 anos, mudou-se de Damasco para Alexandria a fim de estudar retórica na escola de Horapolo, um sacerdote egípcio, onde se destacou por seu brilhantismo — fato que pode ser atestado pela tarefa com que foi incumbido logo depois de chegar à escola, a saber, a tarefa de compor e proferir uma oração fúnebre para Edésia, uma mulher amplamente venerada naquele contexto como uma figura divina (*cf. Suda*, αΙ 79). Ali, em Alexandria, entrou em contato com a cultura tradicional do Egito, com a cultura helênica e com o cristianismo em meio a um cenário

¹ Sobre a data de nascimento de Damáscio, ver ATHANASSIADI, 1999, p. 19, n. 1.

² A Academia a qual nos referimos foi uma restauração, por parte de filósofos neoplatônicos dos séculos IV e V d.C., da Academia fundada por Platão em c. 387 a.C. e fechada em 86 a.C. por ocasião da conquista da cidade pelo imperador romano Lucius Cornelius Sulla Felix.

³ Γεννήθηκε στη Δαμασκό της Συρίας, από όπου έλαβε και το όνομά του (Nasceu em Damasco da Síria de onde recebeu o seu nome).

profundamente conturbado por disputas religiosas. No ano de 489, a perseguição aos pagãos por parte de várias comunidades cristãs se intensificou: Horapolo foi preso e torturado, posteriormente convertendo-se ao cristianismo; os alunos da escola foram forçados ao esconderijo ou ao exílio. (*Suda*, ω 159; ABHEL-RAPPE, 2010, p. 4; ATHANASSIADI, 1999, p. 27-32). Damáscio optou por deixar Alexandria na companhia de Isidoro – um antigo aluno de Horapolo e de Proclo (412 – 485).⁴ Por oito meses viajaram pela Síria e pela Ásia menor até dirigirem-se a Atenas. Posteriormente, Damáscio dedicaria a maior parte de sua obra *História Filosófica* a Isidoro, descrevendo-o como um homem radiante: fisicamente vigoroso, constantemente pleno de júbilo e de fácil convivência (*PH* 116a-f). A obra, de fato, por muito tempo foi conhecida simplesmente como *Vida de Isidoro*. Segundo nos conta Damáscio, foi graças a Isidoro que se converteu à filosofia e ao platonismo; momento a partir do qual passou a adotar uma postura crítica com relação à retórica (*Bibl.*, *Cod.* 242, Φ 201, 202; *PH*. 137b).⁵

O filósofo que em Atenas desempenhava a função de escolarca da Academia na ocasião da chegada de Damáscio e Isidoro era Marino (c. 440 – c. 490).⁶ Durante seu escolarcado, Marino produziu apenas algumas obras com pouca relevância: uma biografia de Proclo e alguns comentários aos diálogos de Platão que foram veementemente criticados (*PH* 97i-j). Ensinou matemática a

⁴ Aparentemente havia uma estreita relação entre os neoplatônicos de Alexandria que estudavam com Horapolo e aqueles de Atenas que frequentavam a Academia. Viz. ABHEL-RAPPE, 2010, p. 4, e ATHANASSIADI, 1999, p. 106-107.

⁵ Abreviações utilizadas: Aen. Gaz. Thphr. – Aeneas Gazeus, *Thephrastus*; Agath. – Agathias, *Historiae*; Bibl. – Photius, *Bibliothèque*; PH – Damascius, *The Philosophical History*, Pr. – Damascius, *Problems and Solutions Concerning First Principles*.

⁶ Mariano (c.440–c.490) escreveu, além de uma biografia de Proclo, alguns comentários a Platão e Aristóteles. Apesar de seu conhecimento da matemática, Damáscio afirma que Mariano tinha uma natureza estúpida e critica seu comentário ao *Parmênides* de Platão (*PH* 97 l).

Damásio; mas sua frágil natureza não lhe permitia que fosse confrontado e ninguém podia dirigir-lhe perguntas, por medo que elas pudessem afetá-lo (*Bibl., Cod.* 181, 83-86; *PH*97d). Segundo Damásio, com esforço Marino logrou tão somente enterrar sua própria reputação e a de outros filósofos mais talentosos ao seu redor (*PH*97e). Marino foi antecedido por Proclo que, no fim de sua vida, afligia-se com o tema de sua sucessão à frente da Academia. Proclo, considerado o maior expoente do neoplatonismo tardio, tinha ciência das mudanças no clima político do Império, graças ao fortalecimento do cristianismo, e temia que o fio dourado da filosofia platônica abandonasse para sempre a cidade de Atenas (*PH*98c). Para o filósofo Proclo, Isidoro seria seu sucessor ideal no escolarcado – cujo significado, sabemos, não era apenas institucional ou burocrático, mas primariamente espiritual (ATHANASSIADI, 2010, p. 241, n. 264). Isidoro, entretanto, recusou por medo de que não estivesse apto à tarefa (*PH*98c-e, 103c-d) e Marino, cuja debilidade física era evidente, acabou sendo escolhido com instruções claras de seguir tentando persuadir Isidoro a assumir o posto – o que logrou fazer apenas em seu leito de morte (*PH*148a-c). Isidoro, por sua parte, tão logo assumiu o escolarcado, deixou Atenas em direção a Caria sob o pretexto de buscar seu irmão que estava desaparecido (*PH*151b-c). Antes de partir, deixou Hégias como seu sucessor e exortou veementemente os demais membros da Academia a se esforçarem para restaurar filosofia na cidade.

Uma consequência direta, podemos inferir, dos anos de enfermidade de Proclo – seus últimos cinco anos de vida – e do escolarcado de Marino, foi um contínuo declínio das atividades e do prestígio da Academia (*Aen. Gaz., Thphr.* 4, 5-8; *Ep.* 18). Nos anos seguintes, a despeito da exortação de Isidoro, o declínio não apenas prosseguiu, mas acentuou-se. Hégias, que era um rico patrono da

Academia, dedicou-se de maneira irresponsável — e não necessariamente piedosa, como poderia parecer — a restaurar templos e lugares de culto em toda a Ática; frequentemente reformando túmulos de seus próprios parentes sem o consentimento dos demais familiares (*PH* 150a). Após retornar à Atenas, Isidoro criticou com veemência a importância conferida por Hégias aos elementos puramente religiosos do platonismo, como a teurgia, e o abandono dispensado à filosofia. Ele considerava que aqueles destinados a se tornarem deuses devem antes tornarem-se homens, motivo pelo qual Platão afirmou não haver dívida maior para a humanidade do que a filosofia (*Tim.* 47b). Mas a filosofia, por sua parte, não se encontrava de modo algum em seu apogeu, mas no extremo abismo da velhice (*PH* 150). Para salvaguardá-la em meio ao novo mundo cristão que se consolidava seria necessário um esforço monumental, mas para o desconsolo do filósofo, com Hégias à frente da Academia, seu desaparecimento tornou-se mais célere e nunca antes a Academia e a filosofia foram tão desprezadas em Atenas (*PH* 145a).

Levado pela constatação do perigo em que se encontrava a filosofia e motivado pelas palavras de Isidoro, Damáscio mostrou-se obstinado a não ser um mero expectador do ocaso da filosofia e resolveu dedicar-se inteiramente a fazê-la novamente florescer. Logo que assumiu a Academia – em algum momento entre 500 e 515 – deu à instituição e à filosofia um novo fôlego: valendo-se dos recursos financeiros⁷ da Academia, procurou atrair pensadores e proporcionar condições adequadas para o ensino. No âmbito da reflexão filosófica propriamente dita, procurou associar a instituição novamente à Platão por meio de comentários aos diálogos *República*, *Filebo*, *Parmênides*, *Sofista* e *Leis*,

⁷ Em *PH*(102), Damáscio menciona o manejo das finanças da Academia como parte das funções do *diádochos*.

recuperando por um lado a autoridade de neoplatônicos anteriores, como Jâmblico, e rompendo, por outro, com a ortodoxia das interpretações estabelecida por Proclo (ATHANASSIADI, 1999, p. 45).⁸ Lecionou extensamente sobre Aristóteles, compondo um comentário sobre a *Física* – focado nas noções de número, espaço e tempo (do qual podemos encontrar fragmentos no comentário de Simplício à *Física*) – e um comentário sobre o *Meteorológica* (do qual restam fragmentos no comentário de Filopono à mesma obra). Escreveu, além disso, uma importante biografia filosófica (mencionada acima), cujo tema central é a restauração da filosofia,⁹ e um profundo e original tratado intitulado *Dificuldades e Soluções dos Primeiros Princípios*.¹⁰ Por parte dos demais alunos e filósofos ainda, encontramos os perspicazes e amplamente admirados comentários de Simplício às obras de Aristóteles (*Categorias, Física, De Caelo e De Anima*)¹¹ e relatos das atividades de outros importantes filósofos, como Eulaio (da Frígia), Prisciano (da Lídia), Hermes e Diógenes (da Fenícia), além de Isidoro. Todos compuseram obras igualmente importantes, mas que não chegaram até nós. Um indício claro do sucesso alcançado por Damáscio – atraindo jovens talentosos e proporcionando-lhes condições adequadas de trabalho – pode ser encontrado na descrição do historiador bizantino Agátias. Segundo ele, esse grupo era “mais fina flor dos filósofos de nossa época” (τὸ ἄκρον ἄωτον [...] τῶν ἐν τῷ καθ’ ἡμᾶς χρόνῳ) (*Agath.* II.30 11-13).

Inevitavelmente, a revitalização da filosofia e o ressurgimento da Academia como uma instituição importante atrairia um outro tipo de atenção, dessa vez,

⁸ Alguns estudiosos defendem, a esse respeito, que tal movimento era necessário, visto que, com Proclo, o neoplatonismo havia atingido seus limites e “se tornado um *hortus conclusus*” (REALE, 1978, p. 686-687).

⁹ Cf. Trabattoni (1985).

¹⁰ Temos disponíveis duas traduções do tratado em línguas modernas: a de A. E. Chaignet (1898) e a de Abhel-Rappe (2010).

¹¹ Cf. Baltussen (2008): “Philosophy and Exegesis in Simplicius”.

indesejada. Alhures, as seitas cristãs perseguiram abertamente os pagãos. Em Atenas, um reduto do paganismo e da filosofia — que por mais tempo sobreviveu e resistiu à conversão ao cristianismo (ABHEL-RAPPE, 2010, p. 8) — seria preciso uma intervenção de outra ordem de magnitude. Destarte, o imperador Justiniano¹² promulgou em 529 um édito, em seu *copus juris civilis*, proibindo o ensino da filosofia por parte dos pagãos em todo o Império e forçando todos não-cristãos a converterem-se ao cristianismo ortodoxo, sob pena de exílio e perda de toda e qualquer propriedade (*Codex Iustinianus*, l.11.10.2-4).¹³ O édito de Justiniano, em conjunto com os sucessivos saques no Império Romano Ocidental e a deposição de Romulus Augustus em 476, foi um importante marco do fim da Antiguidade e o início da Alta Idade Média. Justiniano seria para sempre lembrado como o imperador que desferiu o golpe fatal contra a decadente tradição filosófica helênica. Quando o édito entrou em vigor em 531, as vultosas propriedades da Academia foram apreendidas e os filósofos, em sua maioria, optaram pelo exílio. Havia dentre eles uma esperança de encontrar junto aos persas um espaço para continuarem suas atividades. Rumores corriam de que o rei Cosroes I teria se convertido à filosofia e de que reinava com justiça (*Agath.*, ll. 30.3-4). Após ao menos duas décadas — provavelmente três — como escolarca da Academia trabalhando ativamente por sua sobrevivência, Damásio, agora um homem idoso com 67 anos de idade,

¹² Justiniano (482–565) governou o Império romano por 38 anos (entre 527 e 565).

¹³ “Nós proibimos que seja ensinada qualquer doutrina por parte daqueles que estão afetados pela loucura dos ímpios pagãos. Por isso, que nenhum pagão simule estar instruindo aqueles que, desventuradamente, frequentam sua casa enquanto, na realidade, nada mais está fazendo do que corromper as almas dos discípulos. Ademais, que não receba subvenções públicas, já que não tem nenhum direito derivado de escrituras divinas ou de éditos estatais para obter licença para coisas desse gênero. Se alguém, aqui [em Constantinopla] ou nas províncias, resultar culpado desse crime e não se apressar a retornar ao seio de nossa santa Igreja, juntamente com sua família, ou seja, juntamente com a mulher e os filhos, recairá sob as referidas sanções, suas propriedades serão confiscadas e ele próprio será enviado ao exílio.” (Trad.: G. Reale e Ivo Storniono, 2003).

viu-se entre a cruz e a espada. Naquele mesmo ano abandonou Atenas, “a patrona da filosofia, em uma jornada precária para além dos limites do Império Romano” (ABHEL-RAPPE, 2010, p. 5-6) determinado a estabelecer sua morada naquela terra que lhe era estranha e cujos costumes ele desconhecia.

Provavelmente remete ao período do exílio ou aos últimos anos de vida do filósofo na cidade de Damasco, o poema – editado por Ferdamde-Heinrick (1994) e revisto por M. Elias (2016) – que apresentamos a seguir com uma tradução para o português. Como ficará aparente, o poema tem um caráter profundamente lutuoso e amargurado. Se considerarmos a circunstância na qual ele foi escrito, não poderia ter sido diferente. Agátias nos conta, baseando-se provavelmente em relato posterior de Damácio, que os filósofos encontraram uma realidade muito distinta daquela esperada ao chegarem nas cortes de Cosroes I. O império, que segundo os rumores deveria ser governado pela justiça, era farto em ladrões e criminosos. Os comandantes eram autoritários e presunçosos e por toda parte os fortes tratavam os mais fracos com desprezo e crueldade (*Agath.* II 30.5). Os homens casados, apesar de terem várias esposas, eram dissolutos a ponto de cometer adultério (*Agath.* II 30.6). O rei Cosroes I — que como partidário da filosofia poderia ser uma corporificação do rei-filósofo descrito na *República* de Platão — provou ter, pelo contrário, uma capacidade superficial de reflexão (*Agath.* II 31.1). Agravando o estranhamento e a frustração enfrentada pelos filósofos, os costumes religiosos observados pelo Rei e pelos persas em geral eram radicalmente diferentes. A prática persa de deixar os corpos dos mortos descobertos, por exemplo, a fim de serem devorados pelas aves carniceiras, lhes parecia escandalosa e absurda (*Agath.* II 31.5-9). Damácio e os demais filósofos, tão logo constataram a real situação do reino, concluíram que não havia mínimas condições de permanecerem na Pérsia

e não lograram sustentar outro pensamento além do desejo de deixarem o local. Mesmo uma morte rápida alhures seria preferível a qualquer sobrevida e distinções que poderiam alcançar por meio dos favores do rei (*Agath.* II 31.1-2). Damáscio, ao menos, conseguiu fazer uso de sua relação com Cosroes. Quando o rei persa estava prestes a assinar, no ano seguinte, um tratado de paz com o Império Romano, o filósofo conseguiu convencê-lo a adicionar uma cláusula que permitiria a todos eles retornarem ao Império Romano sem converterem-se ao cristianismo (*Agath.* II 31.3-4). Desgastado e amargurado, já em idade avançada, Damáscio retornou sozinho, não para Atenas, mas para sua cidade natal na Síria, onde viveu por mais alguns anos antes de morrer.¹⁴

O poema, como afirmamos anteriormente seguindo as teses mais recentes — sobretudo de Miguel T. Elias (2016, p. 15-45) — pode ser entendido como uma expressão do desfecho trágico que se abateu sobre Damáscio. Em verdade, seria mais adequado falar em desfechos trágicos, no plural, tendo em vista a sucessão de desventuras vividas pelo filósofo desde sua estadia em Alexandria até o fracasso na Pérsia. O elemento realmente trágico, contudo, encontra-se no sucesso experimentado pelo filósofo na tarefa com a qual foi incumbido desde o momento em que se converteu ao platonismo, qual seja, a de preservar e sustentar a filosofia. Isidoro, Marino e Proclo todos reiteraram a importância de empreender tal esforço. Ao equalizar a tarefa de preservar a filosofia com uma renovação da Academia e suceder em trazer a ela um novo fôlego — que se mostrou ser, em verdade, apenas um último suspiro — Damáscio incitou o golpe fatal desferido pelo imperador. Assim, os temores de Proclo se concretizaram sob a vigília de Damáscio e o “fio dourado” da filosofia platônica

¹⁴ Um epigrama funerário atribuído a Damáscio e exposto no túmulo de uma escrava, datado de 538, indica que ele viveu ao menos mais sete anos em sua cidade natal até morrer. *Anthologia Gr.*, VII, 553.

deixou para sempre a cidade de Atenas. Sem alternativa, Damásio se lançou em uma jornada longa e árdua apenas para dar-se conta que não havia para si, enquanto filósofo, um outro lugar no mundo conhecido; nem, tampouco, para a própria filosofia e os elevados pensamentos concebidos por uma tradição de mais de mil anos — com a qual ele agora se desiludia. O mundo, “que seus predecessores consideravam eterno em sua relação com o Uno” (ABHEL-RAPPE, 2010, p. 10), se mostrara para ele em sua plena instabilidade e transitoriedade. Não seria possível, portanto, senão “constatar a precariedade de sua própria posição, colocando em dúvida suas convicções e sua confiança nos valores que até então haviam lhe orientado” (ELIAS, 2016, p. 27). O reflexo dessa percepção pode ser observado nos versos que se seguem. Esperamos que o leitor aprecie sua breve, porém comovente leitura.

ἡμερος αγαθοῦ,
τε καὶ ἀρετῆς
τῆ ψυχῆ μοι καλλονῆς.

ᾧλετό μοι ἡ ζωὴ
ἐν τῇ εὐδαιμονίας
οὐσίας ζητήση.

μηποτε εὐρεθέντα
χρυσόν ζητῶν, θνήσκω
ὡς ὀρειβάτης ἄνους ᾧν†

περιττῆ ἔρευνῆ καὶ ἀχρήστῳ,
γαλήνης ἡμάρτησα,
ζῆν κατεφρόνησα.

οὐδέν σκοπὸν κατέχων,
πεπλάνημαι τῷ βιῶ.
ἀγνοῶν τιν' εἰμί
ἀγνοῶ διὸ ζῶ.

ἀπορία καὶ ἀπιστία
πικραίνει τον οἶνον μου
οὐ γινώσκω τὸν ὁδόν
τὸ τέλος ἀγνοῶν



Νιώθω μέσα μου
λαχταρῶ την ομορφιά,
την αγνότητα και την καλοσύνη.

Χαμένη την ύπαρξη αισθάνομαι,
καθώς αναζητῶ
της ευδαιμονίας το νόημα.

Είμαι ένας ανόητος,
ένας ορειβάτης, και πεθαίνω
σε συνεχῆ αναζήτηση του χρυσού
που δεν βρίσκω ποτέ.

Σε ανούσια έρευνα,
σε περιττό έλεγχο,
τη ζωή περιφρόνησα,
τη γαλήνη μου έχασα.

Έχω χάσει τον εαυτό μου
στη ζωή, δεν έχω σκοπό.
Δεν ξέρω γιατί ζῶ.
Δεν ξέρω ακόμα ποιος είμαι.

Απορία και απιστία
πικραίνει το κρασί μου.
Δεν γνωρίζω τον δρόμο μου
το πού πάω αγνοῶ.

Eu sinto em minha alma
ânsia de beleza,
ânsia de pureza,
ânsia de bondade.

Eu sinto perdida
toda uma existência
em busca da essência
da felicidade.

Eu sou povo louco,
alpinista. Morro,
em busca do ouro
sem encontrar jamais.

E na busca inútil,
na busca perdida,
desprezei a vida,
perdi minha paz.

Perdi-me na vida,
não tenho objetivo.
Não sei porque vivo.
Já nem sei quem sou.

Dúvida e descrença,
Amarga o meu vinho
Não sei meu caminho
Ignoro onde vou.

Coluna 1: Poema original a partir da edição de M. Elias (2016), seguido de áudio.

Coluna 2: Releitura do poema de Y. Stournaraspara (2014) em grego demótico

Coluna 3: Tradução para o português seguindo, em grande medida, a versão em demótico de Stournaraspara.

REFERÊNCIAS

- ADLER, A. (ed.) *Suidae Lexicon*. Leipzig: Teubner, 1928-1938.
- AHBEL-RAPPE, Sara (trans.). Damascius. *Problems and Solutions Concerning First Principles*. New York: Oxford University Press, 2010.
- ATHANASSIADI, P. (ed.). Damascius. *The Philosophical History* (edited and translated). Athens: Apamea, 1999.
- BALTUSSEN, Han. *Philosophy and Exegesis in Simplicius. The Methodology of a Commentator*. London/New York: Bloomsbury Academic, 2008.
- DILLON, John; RUSSEL, Donald (trans.). Aeneas of Gaza. *Theophrastus*. Bristol: Bristol Classic Press, 2012.
- ELIAS, Miguel Traditore. Hacia una lectura crítica del poema de Damascio. *Revista de la Asociación Española de Estudios Clásicos* 34, pp. 9-52.
- FERDAMDE-HEINRICK, Franz. Ein neues Gedicht von Damaskios? *Philosophisches Jahrbuch* 76. Freiburg/München 1994, S. 264-272.
- FREDERICI, Jacobs (ed.). *Epigrammata Anthologiae Graecae*. Lipsiae: In Bibliopolio Dyokio, 1799.
- FRENO, Joseph D. (trans.). Agathias. *The Histories*. In: BECK, H.-G.; KAMBYLIS, A.; KEYDELL, R. (ed.). *Corpus fontium historiae Byzantinae*. Berlin: Walter de Gruyter, 1975.
- HENRY, R. (ed.). Photius. *Bibliothèque*. 8 vols. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- KRUEGER, Paulus (ed.). *Codex Iustinianus*. In: *Corpus Iuris Civilis*. Volumen Secundum. Berolini apud Weidmannos, 1888.
- PATON, W. R. (trans.). Anonymous. *The Greek Anthology*. 5 vols. London: Loeb Classical Library, 1916.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*. Vol. 1. Filosofia Pagã Antiga. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.
- REALE, Giovanni. *Storia della filosofia antica*. Le scuole dell'eta imperiale. Vol. 4. Milano: Università Cattolica, 1978.
- STOURNARASPARA, Yannis. *Austerity and Poetry*. Athena: Ekdoseis Kastanivoti, 2014.
- TAPUÃ; ROSS, Lourenço. *Perdido*. Intérpretes: Damasco & Damasceno. Brasil: CBS Records, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mjwX1jXY0IU>. Acesso em jan, 2018.



TRABATTONI, Franco. Per una Biografia di Damascio. *Rivista de storia della filosofia* 2, 1985, pp. 179-201.

ZINTZEN, Clemens (ed.). *Damascii vitae Isidori reliquiae*. Hildesheim: Olms, 1967.

Συλλογικό έργο. Εγκυκλοπαίδεια Δομή. τόμος 4, Αθήνα: Δομή, 1999.